

Apresentação

O Canto do Olho

O espelho – o conceito.

Dois *Espelhos* – as obras.

Alguns olhares – especulações.

As palavras trazem à re-visão o (sentido do) espelho.

Olhares solares. Olhares cavernosos. Olhares arredios. Espiadelas atrevidas.

Olhares falados. Olhares fados. O canto do olho esgueira. O canto do olho.

O olhar compenetrado – que bate na superfície violada do espelho e volta *refratado*. O olhar agudo – que adentra o salão firme e falante e enfim se retrai, mudo. Olhares que se convertem em falares que se divertem em ouvires – e agora em *legíveis*. *O espelho* é o conceito – abstrato e invisível – cujo ser é refletir. Os *Espelhos* são as obras de arte – nas quais o ser do espelho é re-fletido. *As palavras* são os espelhos que refletem a reflexão sobre o espelho. A literatura *pensa* a realidade. E a não realidade. A filosofia pensa a realidade pensada pela literatura e o modo da literatura pensar a realidade (e a não realidade). A filosofia *diz* o que pensa. A literatura/atura, e conjectura: mas é nas letras que a filosofia atua; ora, é também com as letras que a filosofia se compõe.

Primeira razão de ser desse encontro provocado: as humanidades têm tido dificuldade de *conversar*. O que não é espelho é feio. Não é igual a mim? É erro. Querem *converter* a filosofia em um *ramo* da literatura. Ou querem *converter* a literatura em um *modo* da filosofia. Querem converTER, não querem converSAR. Pois invadimos a galope o frágil salão de espelhos, e *queremos conversar*. Há aqui uma aposta. Talvez uma tese. Quem sabe, apenas uma boa hipótese por ser explorada: *literatura & filosofia* são o coração (a sístole e a diástole) das humanidades – e não adianta perguntar quem é que puxa e quem é que empurra: o músculo que dilata é o mesmo que se contrai.

Esta edição de *A Palo Seco* reúne a maior parte dos textos do “I Colóquio Filosofia e Literatura” realizado na UFS em dezembro de 2008 e quer se apresentar como primeiro passo de concreção de uma intenção há muito acalentada por um grupo de professores/pesquisadores que descobriram possuir uma preocupação e um interesse em comum: reconhecer e cultivar nossa *dependência mútua*. Queremos assim *abrir espaço* para indicar uma direção a fim de colocarmos juntos uma “boa questão”: se filosofia e literatura são *mesmo* o coração das humanidades, então quais são as *interfaces* pertinentes pelas quais essas distintas áreas do conhecimento se complementam, contrastando-se? E mais: que *conseqüências*, para nossa atuação prática em humanidades, uma aproximação profícua entre essas áreas permite extrair?

GeFeLit (Grupo de Estudos em Filosofia e Literatura CNPq/CECH/UFS) é o nome desse espaço, ao qual esta publicação quer dar visibilidade. Como fórum de discussão sobre as *interfaces* possíveis (linha de pesquisa 1) bem como das *conseqüências* prático-pedagógicas extraíveis (linha de pesquisa 2) das relações entre filosofia e literatura, o GeFeLit convoca à congregação conflitante todos os interessados nas potencialidades dessa conjunção para o fortalecimento do cultivo do mundo das letras e dos conceitos, entidades básicas sem as quais as humanidades dificilmente poderiam pretender se reconhecer como tais.

O exercício conversacional aqui publicado, valendo-se da notável efeméride dupla, elegeu dois marcos das *nossas letras* como campo de prova para a abertura dessa possibilidade exploratória. A passagem, há cem anos, do bastão literário de Machado de Assis para Guimarães Rosa é a ocasião para chamarmos a um debate que discute *não apenas* a relação da (nossa) literatura com a (nossa) realidade, *não apenas* a relação da literatura com o pensamento e o conhecimento, *não apenas* a relação entre a realidade e o espelho ou entre *O espelho* de Machado e o de Rosa, *nem apenas* as relações entre filosofia e literatura na busca do auto-conhecimento e do conhecimento-do-mundo, mas todos esses aspectos conjuntos, sem esquecer, porém, que eles não se podem pretender mais do que realmente são: justamente *aspectos*, pontos-de-vista, perspectivas discordantes e complementares sobre relações cultivadas há milênios.

A apresentação dos textos escritos não segue exatamente a ordem dos textos apresentados oralmente durante o Colóquio. Este foi concebido como um exercício de espelhamento d'*Os Espelhos*, ora com ênfase maior para a literatura, ora para a filosofia – ora de maneira que as fronteiras parecem se dissolver. Afinal a questão dos limites entre filosofia e literatura constitui para nós antes um grave problema a ser investigado, e não algo que se tenha dado como já solucionado. São exercícios de olhares diversos sobre os *mesmos* objetos artísticos que visam destacar o enriquecimento que o cruzamento dos olhares permite pretender.

Bem, se na apresentação oral começamos com o Espelho-Machado, passando pelo Espelho-Rosa, para enfim colocarmos um contra o outro, no espelhamento escrito a ordem foi *invertida*: com “Perdido nos espelhos”, o prof. Celso Donizete Cruz abre os trabalhos traçando, ao mesmo tempo em que problematiza o traçado, algumas pontes básicas para a aproximação cuidadosa das duas obras, tomando as medidas das bases da comparação e dando início ao “descascar da cebola” em busca do (ir)refletido. O prof. Eduardo Gomes, a seguir, procura incrementar o traçado acompanhando, “Como Alice através do espelho”, uma problemática comum à filosofia e à literatura, a da “*dizibilidade do real*”, justapondo aos espelhos literários de Rosa e Machado os espelhos filosóficos de Wittgenstein e Kierkegaard, destacando o cuidado literário da composição filosófica quando esta se impõe alvos éticos irrealizáveis através da *comunicação direta*.

No segundo bloco a ênfase se volta para estudos sobre o *Espelho* de Rosa, com três artigos que ressaltam aspectos distintos de sua elaboração filosófico-literária: a prof.^a Sílvia Faustino apresenta um estudo articulado como esboço de uma “Poética do espelho” – que coloca Rosa “entre o niilismo e a esperança” – diagnosticando assim uma demanda de nossa representação literária, e brindando-nos com uma bela análise do estudo roseano de *o que é isso um espelho?* ou, mais especialmente, de seus “*modus de focar*” e das “três visões” que o articulam. A prof.^a Jacqueline Ramos, por sua vez, aborda este *Espelho* de forma distinta em “A vereda especular de Rosa”, situando sua tessitura lingüística peculiar e o modo como Rosa cultiva o poder da palavra: localizando o próprio conto em sua posição estratégica no livro que o apresenta, aqui descobrimos que o espelho de Rosa é, na verdade, uma *parábase*, recurso típico da comédia antiga no qual o coro avança em direção aos espectadores e declama os versos olhando para eles. Outros sentidos do espelho se descortinam nessa perspectiva, enfatizando o fazer literário como assunto dessa literatura. E, como neste conto um Rosa parabático parece se dirigir a nós com suas insistentes perguntas (“chegamos a existir?”), encerrando o bloco temos a sugestiva *res-posta* do prof. Cícero Cunha Bezerra, investido como seu destinatário, ao incansável inquiridor roseano. Resposta filosófico-literária, espelhada, a um texto literário-filosófico, sua “Carta a Guimarães Rosa”, além de ser um exercício *philo-poiético* (tal como sugeriu Platão) que esgarça as formas do dizer filosófico, traz ainda um importante conjunto de referências que mostram a importância da leitura filosófica na *formação* do autor: as imagens roseanas e

suas fontes no misticismo neoplatônico (por exemplo, do “ignorar-se a si mesmo” e do ser “travessia” entre o ser e o nada – de Plotino; o “olhar não vendo”, o “nascimento abissal”, assim como a “luzinha” e o ser “nonada” – de Mestre Eckhart).

No terceiro bloco, sobre o *Espelho* de Machado, a fim de não redundar uma fortuna literária já bastante estendida, e uma vez que visões sobre Machado estão presentes como ponto e como contraponto nos artigos anteriores, privilegiamos três textos que abordam nosso *autor máximo* em três aspectos específicos. Um é o texto do prof. Márcio Gimenes de Paula sobre tema bem desenvolvido, o uso filosófico da ironia em Machado de Assis, mas voltado especialmente para o caso de *O espelho – esboço de uma teoria da alma humana*. Acompanhando esse desmontar dos esquemas de construção da ironia em Machado (onde está, exatamente, a ironia das “duas almas”?), vislumbramos também a temática filosófica contraída em suas cápsulas literárias, a começar pelo nome do personagem (“Jacobina”), pelo contraste de traços empiristas e anti-românticos do contexto e ainda pela temática hegeliana da “dialética do senhor x escravo” na “solução” do problema ficcional, bem como na sugestão de estudar as *formas do desespero* machadiano em chave kierkegaardiana. Por outro lado temos no texto da prof.^a Luciene Lages o exercício de outro modo de espelhar *O espelho* buscando explorar analogias entre o sentido do espelho na literatura e na pintura (uma vez que “Ut pictura poesis”, como sugeriu Horácio), e mais especialmente entre “*O espelho* de Machado e os espelhamentos de Magritte” (nos casos de *Reprodução proibida*, *O espelho falso* e *A condição humana I*). Complementando esse bloco, o artigo do graduando em filosofia Luis Carlos Gomes Jr destoa dos restantes por não ter como tema o conto *O espelho*, mas o romance *Dom Casmurro*. Sua inclusão aqui se justifica, por um lado, porque podemos entender Bentinho-Dom Casmurro como projeção ampliada (e otheliana) de Joãozinho-Jacobina; mas principalmente, por outro lado, porque o artigo, apresentado originalmente na forma de minicurso, é um exercício de problematização epistemológica de um texto literário, exemplificando uma das interfaces possíveis entre as áreas. Ao invés de perguntar se é verdade que “p” (“Capitu traiu Bentinho”), a boa pergunta é: “Bentinho estava justificado em acreditar que Capitu o traiu?”. E o exame das evidências e contra-evidências apresentadas pelo próprio texto nos leva a crer que não, de acordo com o balanço apresentado. O artigo mostra um tipo de consequência pedagógica que se pode extrair de um trabalho interdisciplinar efetivo articulando filosofia e literatura.

O itinerário reflete perspectivas. Problemas diferentes a cada visada. Quer dizer que, apesar dos tantos colapsos, ataques e fibrilações, ainda pulsa o coração das humanidades.

Eduardo Gomes, de Atalaia, não de Boa Vista, julho de 2009